



***HOMENS, VIOLÊNCIA E CONSUMISMO: ANÁLISE DA
MASCULINIDADE NOS GRUPOS VIRTUAIS MGTOW E DO FILME “CLUBE
DA LUTA”***

***HOMBRES, VIOLENCIA Y CONSUMO: ANÁLISIS DEL HOMBRE EN
LOS GRUPOS VIRTUALES MGTOW Y LA PELÍCULA “EL CLUB DE LA
PELEA”***

***MEN, VIOLENCE AND CONSUMERISM: ANALYSIS OF MASCULINITY
IN THE MGTOW VIRTUAL GROUPS MGTOW AND THE FILME “FIGHT
CLUB”***

George Miguel Thisoteine¹

Vitor Hugo Rossetti Canasiro²

Brenda Sayuri Tanaka³

Ana Cláudia Bortolozzi⁴

Andre Luiz Gellis⁵

RESUMO

Os atuais discursos da masculinidade surgidos nos meios virtuais tornaram-se veículos de propagação de ódio às mulheres e de uma conduta nociva aos próprios homens. Este

¹ Graduado em psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

² Graduando em Direito pela Universidade de São Paulo.

³ Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

⁴ Psicóloga pela UNESP, Bauru. Mestre em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos, UFSCar e Doutora em Educação (2003) pela UNESP, Marília. Fez pós-doutorado (2009) no Núcleo de Estudos da Sexualidade -NUSEX (UNESP, Araraquara) e em 2017 no exterior, no Instituto de Educação da Universidade do Minho (Braga, Portugal).

⁵ Psicólogo, formado pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus de Assis (1988), Mestre e Doutor em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da USP. Atualmente é Supervisor do Centro de Psicologia Aplicada (FC, UNESP, Bauru) e Professor Visitante do Département de Psychanalyse de l'Université Paris 8, Vincennes - Saint Denis. Possui experiência na área de Psicologia Clínica, com ênfase em Psicanálise.

estudo qualitativo, descritivo e exploratório, teve por objetivo analisar as expressões de gênero da masculinidade a partir do grupo virtual masculino *MGTOW* (em português: *Homens seguindo seu próprio caminho*) e do filme *Clube da luta*. As categorias resultantes da análise foram: (a) Discurso Consumista e (b) Discurso da Masculinidade Supremacista, ou seja, diante da dificuldade de se enquadrarem nos padrões de uma masculinidade hegemônica, os homens tendem a se envolverem em comportamentos de violência e consumismo. Pode-se dizer que as origens para esses discursos masculinos destrutivos, tanto na mídia internet atual, quanto no filme mais antigo, encontram-se na frustração de não conseguirem viver as expectativas que a cultura do patriarcado impõe, diferenciando-se apenas pela interface que se manifesta.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidades. Mídias. Violência. Consumismo.

RESUMEN

Los actuales discursos de masculinidad surgidos en los medios virtuales se han convertido en vehículos para la difusión del odio hacia las mujeres y las conductas nocivas hacia los propios hombres. Este estudio cualitativo, descriptivo y exploratorio tuvo como objetivo analizar las expresiones de género de la masculinidad en el grupo virtual masculino *MGTOW* (en español: *Hombres siguiendo su propio camino*) y en la película *El Club de la pelea*. Las categorías resultantes del análisis fueron: (a) Discurso del consumismo y (b) Discurso de la masculinidad supremacista, es decir, en vista de la dificultad de encajar en los patrones de una masculinidad hegemónica, los hombres tienden a incurrir en conductas de violencia y consumismo. Se puede decir que los orígenes de estos discursos masculinos destructivos, tanto en los medios de internet actuales como en la película más antigua, se encuentran en la frustración de no poder estar a la altura de las expectativas que impone la cultura del patriarcado, diferenciándose sólo en la interfaz que se manifiesta.

PALABRAS-CLAVE: Masculinidades. Medios de comunicación. Violencia. Consumismo.

ABSTRACT

The current discourses of masculinity that emerged in virtual media have become vehicles for the spread of hatred towards women and harmful conduct towards men themselves. This qualitative, descriptive and exploratory study aimed to analyze the gender expressions of masculinity in the virtual male group *MGTOW* (*Men Going Their Own Way*) and in the film *Clube fight*. The categories resulting from the analysis were: (a) Discourse of Consumerism and (b) Discourse of Supremacist Masculinity, that is, in view of the difficulty of fitting into the patterns of a hegemonic masculinity, men tend to engage in behaviors of violence and consumerism. It can be said that the origins for these destructive male discourses, both in the current internet media and in the oldest film, are found in the frustration of not being able to live up to the expectations that the culture of patriarchy imposes, differing only through the interface that manifests themselves.

KEYWORDS: Masculinities. Media. Violence. Consumerism.

Introdução

A expansão do uso das tecnologias tem permitido diferentes formas de expressão e interação entre as pessoas. Disso se iniciou um aumento de todo tipo de uso de produtos tecnológicos e dependentes da internet; porém, há uma expressão comum que independe do tipo e plataforma: a exposição de dados e informações pessoais, que em alguns casos se manifesta como identidades, registros de compras, mas que chega a discursos e imagens dos quais não é certa a possibilidade de controle de privacidade (SOUZA, 2021; BRASIL, 2021; VALENTE, 2020).

Apesar disso, a expressão de subjetividades, agora, começa - mais do que em outros momentos - a ser feita por meio desses usos e interações virtuais. Nesse sentido, o gênero também se torna parte dessas relações virtuais, pois os corpos de que partem ainda necessitam desse tipo de construção, uma vez que os discursos e as identidades dependem de um incessante processo de reconstrução de si, o que se dá de certa forma orientada pela diversidade de identidades e expressões de gênero da atualidade (DE LOS SANTOS RODRIGUEZ, 2020; FERRARI; ALMEIDA, 2012; OLIVEIRA, 2020).

Entendemos gênero como um produto da cultura, uma construção social de representações e práticas relacionadas aos padrões estabelecidos historicamente em função da anatomia dos corpos, dando sentido ao que entendemos como “masculinidade” e “feminilidade”; é um conceito que usamos para compreender a dimensão histórica, social, política e cultural atribuída às diferenças de homens e mulheres e o quanto isso atinge na formação subjetiva de suas identidades (BRASIL, 2015; PASTANA; BORTOLOZZI, 2020; LOURO, 2010).

Guacira Louro (2010) explica que por muito tempo as explicações e justificativas das desigualdades sociais entre homens e mulheres basearam-se nas características biológicas, isto é, no corpo sexuado das pessoas, a partir de uma visão organicista e que foi preciso demonstrar que era a “forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou pensa sobre elas que vai construir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico” (p.21).

A feminista Joan Scott (1995) que apresenta uma boa trajetória analítica sobre o conceito de gênero como um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos ressalta alguns pontos centrais sobre o tema: a

rejeição do determinismo biológico como definidor de sexo/gênero, a construção social e histórica de como as pessoas devem se comportar em relação ao gênero e que o gênero é uma forma poderosa nas relações de poder.

Em geral fala-se muito das desigualdades de gênero, tendo a figura da mulher em desvantagem. Neste artigo, nosso foco é a masculinidade, para quem nos recorremos a Connell (1995) para definir e refletir. Masculinidade, para Connell, seria o modo como os homens agem na estrutura das relações de gênero, sendo essa possibilidade múltipla e variada.

Existe, normalmente, mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade. Em reconhecimento desse fato, tem-se tornado comum falar de "masculinidades". Existe o perigo, nesse uso, de que possamos pensar no gênero simplesmente como um pout-pourri de identidades e estilos de vida relacionados ao consumo. Por isso, é importante sempre lembrar as relações de poder que estão aí envolvidas. (CONNELL, 1995, p.188).

E Connell (1995) continua explicando que o conceito de masculinidade implica naquilo que as pessoas fazem (e não naquilo que a sociedade deseja ou esperam que façam) porque a prática não teria uma racionalidade.

Falar de prática significa enfatizar que a ação tem uma racionalidade e um significado histórico. Isso não significa dizer que a prática é necessariamente racional. Não pensaríamos no estupro, no assédio sexual ou no espancamento de mulheres como atos "racionais"; mas a violência sexual tampouco é uma explosão insensata de raiva interna. Como a pesquisa feminista tem mostrado, a violência sexual é uma ação competente; ela é, em geral, propositada e tem como objetivo a manutenção da supremacia masculina. Daí a ênfase, no trabalho de prevenção com homens violentos, para que eles assumam a responsabilidade por suas ações. (p.188).

A masculinidade enquanto gênero possui diversas formas de apresentação, mas, muitas vezes, é confundida com a forma de expressão hegemônica de uma sexualidade heteronormativa, o que na realidade é apenas o modo já estabelecido historicamente de um tipo e prescrição do como se deve portar-se a partir do papel social do homem na sociedade ocidental moderna (JESUS, 2011). Além disso, Saffioti (2004) ressalta a necessidade de considerar para a discussão de gênero a interseccionalidade como classe e raça, para que não se perca as contradições e limites que o gênero pode representar para as pessoas. Assim, a masculinidade (DE LOS SANTOS RODRIGUEZ, 2020), mesmo que atrelada a uma forma mais hegemônica do que o feminino ou as

masculinidades não binárias, ainda assim, pode ser pensada de maneira plural e em sua diversidade.

Por conta disso, escolheu-se destacar um dos fenômenos oriundo dessa realidade de relações digitais, denominado MGTOW (LIN, 2017). Entende-se o fenômeno inicialmente como colocado pelas palavras iniciais da pesquisadora Jing Liang Lin (2017, p. 77, tradução livre):

A política reacionária engloba várias vertentes ideológicas dentro da rede comunidade antifeminista. Na mídia de massa, eventos como o Isla Vista 2014 assassinatos 1 ou # gamergate, 2 trouxeram mais visibilidade ao fenômeno. Embora o antifeminismo online seja mais comumente associado a homens brancos de classe média, a comunidade se estende até estudantes do sexo feminino e profissionais. Está associado a termos como: “Movimento pelos Direitos dos Homens” (MRM), 3 “Meninismo”, 4 a “pílula vermelha”, 5 o “Pick-Up Artist” (PUA), 6 #gamergate, e “Men Going their Own Way” (MGTOW) - o grupo no qual concentrei meu estudo.⁶

Porém desde já, ele não será apresentado apenas como um fenômeno virtual de comunidades digitais e plataformas de streaming, mas sobretudo como uma expressão do gênero masculino heteronormativo, que demonstra como mesmo modos de vida hegemônicos, podem ser extratificados e especificados, revelando sua inerente condição história-discursiva e não natural.

A questão da expressão do gênero como uma forma de identidade ecoa nas discussões feitas pelo filósofo Michel Foucault (2014a; 2014b), em especial no segundo e no terceiro volume da *História da Sexualidade*. De certo modo, é ao levantar as problemáticas do *Cuidado de si* e das *Técnicas de si* que se pode ver em Foucault (2014a) uma tentativa de articular um *ethos* que não discute apenas a formação do desejo, mas de sua corporeidade social.

Ao buscar primeiro compreender a origem e como ocorreram desde a antiguidade esses *Cuidados de si*, Foucault (2014b) também encontra como ao longo de séculos essas práticas se cristalizaram em discursos de *Técnicas de si*, ou seja, formas de produção estético-políticas, que não mais dependeriam de uma *ethos* socialmente

⁶ No original: Reactionary politics encompass various ideological strands within the online antifeminist community. In the mass media, events such as the 2014 Isla Vista killings¹ or #gamergate,² have brought more visibility to the phenomenon. Although antifeminism online is most commonly associated with middleclass white males, the community extends as far as female students and professionals. It is associated with terms such as: “Men’s Rights Movement” (MRM),³ “Meninism,”⁴ the “Red Pill,”⁵ the “Pick-Up Artist” (PUA),⁶ #gamergate, and “Men Going Their Own Way” (MGTOW)—the group on which I focused my study.

determinada. Esses discursos como técnicas estariam por trás, pela operação de saberes e poderes, da produção de subjetividades que seriam recuperadas como identidades, modos de vida, o que para alguns autores se trata do que os estudos pós-estruturalista e *queer* denominaram de identidade de gênero (REVEL, 2011).

Essas identidades correspondem “a relação que tem um indivíduo consigo mesmo ao agir, então [...] ela tende a ser uma ética ou, pelo menos, a demonstrar o que poderia ser uma ética do comportamento sexual” (FOUCAULT, 2004, p.256). Com isso, se destaca o aspecto indissociável que assume a ética da estética-política para esse pensamento crítico.

Nesse sentido, e apontando a direção de importância também para a educação, Anderson Ferrari e Marcos Adriano de Almeida (2012) dialogam sobre as relações em sociedade (em sua microfísica escolar) como a partir da construção dessas identidades-discursivas. Eles recorrem ao contexto escolar para falar dos sujeitos em um ambiente social:

Inicialmente, tínhamos como preocupação os fatos classificados como *indisciplina* e que, portanto, tomavam a forma de registro. No entanto, diante dessas ocorrências, começamos a nos interessar pela vinculação entre escrita, discurso e construção de sujeitos. Percebemos que essas questões estavam inscritas e passavam necessariamente pela relação entre corpo, gênero e sexualidade (FERRARI; ALMEIDA, 2012, p. 867).

E, ao contexto curricular, para falar sobre a construção e os meios de reprodução desses sujeitos:

Quais os desafios e potencialidades da interseccionalidade entre gênero, sexualidade e raça numa sala de aula? Essa é a questão que nos interessa neste artigo, sobretudo porque ela diz do nosso investimento na sala de aula como espaço de negociação e disputa, o que pode ser traduzido na compreensão da escola e do currículo como instâncias em construção, resultado das relações de poder-saber que em última análise, constrói sujeitos (OLIVEIRA; FERRARI, 2018, p. 22).

Porém, outros autores, que partem de pensamentos sociais e críticos, também elaboraram essa discussão, que ficou conhecida como a ideia de indústria cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). Assim, dizem que estaria em jogo nas relações do capitalismo tardio os produtos da atividade humana como formas estético-político-éticas da existência alienada, na qual está submetido o trabalhador. Nesse sentido, os modos de vida podem ser vistos como produtos dessa mesma sociedade, nas quais a existência e a arte sofreram uma aproximação radical, à medida que ambas viraram formas de

consumo e reprodução do capital (ADORNO; HORKHEIMER, 1985; FERRARI, 2009; REVEL, 2011; VEYNE, 2009).

Com isso, esse trabalho destaca principalmente duas mídias para pensar em como a masculinidade é uma proposição estético-ético-política, tanto quanto como o levantamento desse material pode ser uma base crítica para a discussão e a inserção do tema em diferentes ambientes educacionais.

Discursos e arquivos para uma construção histórica da masculinidade

A construção e o desenvolvimento de um discurso da masculinidade nos meios virtuais, assim como fora deles, possui uma trajetória histórica, atrelada aos meios sociais, econômicos e culturais. Para introduzir esses fenômenos partiremos do conceito de arquivo, que possui grande função para a análise de discurso e que permitirá introduzir outros materiais de mídia para a construção da masculinidade como uma expressão discursiva de gênero. Sobre arquivo, responde em uma entrevista a pesquisadora Eni Orlandi (BARRETO, 2006, p. 5):

Podemos dizer que quando pensamos a prática do discurso eletrônico, embora os momentos sejam inseparáveis, tomamos como ângulo de entrada a circulação dos sentidos, pensando os outros dois momentos através deste. O modo de circulação dos sentidos no discurso eletrônico nos faz pensar que, pela sua especificidade, produz consequências sobre a função-autor e o efeito-leitor que ele produz. E estas consequências estão diretamente ligadas à natureza da memória a que estes sentidos se filiam. E, certamente, à materialidade significativa de seus meios. Tenho distinguido três noções de memória: memória discursiva ou interdiscurso, memória institucional (arquivo) e memória metálica (...). Por outro lado, a memória institucional ou a que chamo a memória de arquivo ou simplesmente o arquivo, é aquela que não esquece, ou seja, a que as Instituições (Escola, Museu, eventos etc.) praticam, alimentam, normatizando o processo de significação, sustentando-o em uma textualidade documental, contribuindo na individualização dos sujeitos pelo Estado. E temos, enfim, a memória metálica, ou seja, a produzida pela mídia, pelas novas tecnologias de linguagem.

Não será o foco deste trabalho se deter sobre as diferenças entre as concepções de memória em análise do discurso, entretanto, a partir da problematização feita por Orlandi, pode-se partir agora de um plano não linear, onde as rupturas que determinarão as formações discursivas (FOUCAULT, 2012) que constituem o objeto de análise.

No livro do psicólogo estadunidense Rollo Tomassi *The Rational Male* (TOMASSI, 2013) o autor apresenta uma análise das relações heterossexuais na

contemporaneidade e estabelece conceitos sobre a masculinidade, a feminilidade e dicas de comportamentos para os homens se destacarem em um sistema que, em sua teoria, os oprimem.

Segundo o autor em questão, os seres humanos, e mais especificamente os homens, vivem em um sistema social que, principalmente por conta da indústria cultural⁷ e do mercado, estabelece normas às formas de relacionamento entre homens e mulheres. Tais normas privilegiariam as mulheres, colocando-as em uma posição passiva e de poder, condição análoga a das princesas de contos de fadas, enquanto aos homens restaria a posição ativa e de submissão ao sistema, tornando-se necessário a luta e a conquista pelos afetos e pela atenção das mulheres.

Tomassi (2013), ao explicitar esse sistema e criticá-lo, afirmou a necessidade do homem em tomar a *red pill* – referência a pílula vermelha do filme Matrix–, ou seja, abandonar a posição de submissão imposta pelo sistema e tornar-se um sujeito potente em si mesmo.

Red Pill – O reconhecimento e consciência do jeito que o feminismo, feministas, e seus associados white-knights afetam a sociedade. Uma consciência das verdades negras que cercam a sexualidade humana: hipergamia, a estratégia feminina de AF/BB, O Imperativo Feminino da sociedade, diferenças sexuais no apego emocional, a atração feminina por traços da TN (Tríade Negra) e dominação/violência sexual, entre outros. Extremamente politicamente incorreto, espere ostracismo social ao sequer mencionar a pílula vermelha na sociedade “politizada” (TOMASSI, 2013, p. 3).

Essa transformação viria através da conscientização masculina da hipergamia feminina (SOCIAL ARTS, 2021), impulso inerente à mulher que a coloca numa condição de busca constante de homens - cada vez mais detentores de símbolos de poder -, da incapacidade de estabelecer relacionamentos duradouros e da impossibilidade de estabelecer vínculos afetivos tradicionais, como aos moldes de namoros, uniões estáveis e casamentos. Assim, o "homem racional" seria o sujeito livre dos idealismos românticos e que vive em função de seu próprio desenvolvimento pessoal, econômico e sexual.

A popularização do estilo de vida e das ideias de Tomassi deu-se nas plataformas de vídeo, principalmente no *youtube*, e em grupos na internet, que se tornaram ambientes propícios para reuniões, exclusivamente masculinas, e para

⁷ Conceito oriundo dos teóricos Theodor Adorno e Max Horkheimer (1985), que entre outros temas debatiam sobre como os produtos culturais se tornaram massificados, ou inerentes a uma reprodutibilidade tautológica dos interesses do Mercado. No fim, a discussão encontra em um problema social ecos para pensar na massificação que também estão submetidas as subjetividades modernas.

discursos misóginos. Embora muito da teoria apresentada em *The Rational Male* continue a guiar os conteúdos produzidos, novas teorias e práticas de desenvolvimento masculino conquistaram sua autonomia e passaram a integrar a cultura virtual global.

A respeito das novas práticas, vale citar o fenômeno do *no fap*⁸. A atividade de abstenção da masturbação masculina ganhou notoriedade em 2011, quando Alexander Rhodes (NO FAP, 2020), após ler um post no *Reddit*⁹ sobre um estudo chinês de 2003 que constatou que homens que se abstêm da masturbação por sete dias experimentam um aumento nos níveis de testosterona no último dia, fundou o site *nofap.com*. Grande parte do sucesso dessa ideia veio por parte da internet, que tornou o *no fap* um desafio coletivo, o *no fap september*, durante o qual os participantes devem ficar um mês sem se masturbar. É interessante pontuar a característica grupal desse evento, pois são formados grupos de apoio para os participantes, os quais passam a relatar suas experiências e incentivar a permanência do outro no desafio (Sem autor, 2021).

Os ideais do *no fap* não se limitam apenas ao aumento da testosterona como um fim, eles expandem para causas como o combate ao vício em pornografia e em masturbação. Contudo, a nova onda virtual machista (LIN, 2017), em muito fundamentada pelo *rational male*, passou a se valer do antigo estudo chinês que apontava o aumento da testosterona para transformar o *no fap* em um instrumento do desenvolvimento masculino. Nessa nova concepção, a testosterona é vista como um recurso que, quando preservado pela retenção seminal, torna-se passível de transmutação em energia produtiva e aprimoramento das relações interpessoais (ALPHA SPIRIT, 2021).

Diante dessas considerações, este estudo qualitativo, descritivo e exploratório (BORTOLOZZI, 2020; SAMPIERI; COLLADO; LUCIO; 2006; SPATA, 2005), teve por objetivo analisar as questões de masculinidade de dois tipos de mídia, entre duas décadas de intervalo: a partir dos grupos virtuais¹⁰ *Men Going Their Own Way*, *MGTOW* (MGTOW, 2021), em português: *Homens seguindo seu próprio caminho*, e do filme *Clube da Luta* (*Fight Club* - 1999).

⁸ Sem masturbação (tradução livre). O que recupera o argumento de Foucault sobre as práticas de si como práticas que articulam ética e politicamente os corpos em modos de vida, mas que também como ressalta Ferrari aparecem em diferentes contextos sociais onde “corpo-sexo-gênero se relacionam de uma maneira resistente ou pouco dócil às estratégias de controle e dominação” (FERRARI, 2009, p. 875).

⁹ *Reddit* é uma comunidade digital, um fórum, que nos últimos anos reúne milhares de pessoas em todo o mundo (REDDIT, 2021).

¹⁰ O discurso *MGTOW* se manifesta de forma plural em grupos virtuais, transcendendo as barreiras de uma única plataforma tecnológica. Atualmente, pode-se destacar o WhatsApp, Youtube, Telegram, fóruns e blogs.

Procedimentos Metodológicos

As mídias selecionadas para a análise

A origem exata do Grupo virtual MGTOW ainda não foi identificada, mas seu vínculo com o *rational male* é muito evidente, uma vez que a metáfora da *red pill* se faz presente nos vídeos de *streaming* e discussões nos grupos virtuais (SOCIAL ARTS, 2021).

Essa vertente (TOMASSI, 2013) ganha destaque pelo seu radicalismo, não bastando a esses homens a libertação do sistema e o foco no desenvolvimento pessoal e físico como meios de afirmar suas masculinidades. Tendo a hipergamia feminina em vista, torna-se fundamental para muitos MGTOWs o distanciamento de relações afetivas com mulheres, salvo com a mãe e em eventuais relações sexuais, pois não haveriam meios seguros, além desse, de preservar seu patrimônio financeiro e seu status social.

A questão econômica ganha centralidade na análise do discurso MGTOW, uma vez que, ao adotar concepções conservadoras, concorda que o papel do homem é destacar-se por sua condição financeira (DE LOS SANTOS RODRIGUEZ, 2020). Entretanto, há um elemento paradoxal na conduta conservadora de um MGTOW, pois discorda que tais recursos sejam destinados a mulheres e filhos, não configurando, assim, o tradicional homem provedor. Em síntese, o MGTOW desacredita de qualquer relação institucional, desde as relações com o Estado de pagador de impostos, ou de trabalhador CLT, até o matrimônio.

Os integrantes desse grupo também não desejam ter filhos ou constituir família, já que desacreditam da forma que tal instituição assumiu na atualidade. Esse pensamento está principalmente atrelado à crença de que o elevado índice de divórcios ocorridos e o posicionamento social feminino estariam pondo em xeque a sociedade patriarcal, a qual eles defendem.

O filme *Clube da Luta* é uma produção hollywoodiana de grande sucesso dos anos 1990 que conquistou e conquista legiões de fãs, podendo já ser considerado um clássico do cinema (ROTTEN TOMATOES, 2021). Além da direção de David Fincher

e o envolvimento de atores famosos, como Edward Norton e Brad Pitt, a obra destaca-se pelo seu enredo surpreendente e crítico aos elementos da cultura consumista estadunidense.

O protagonista, interpretado por Edward Norton, é apresentado como um indivíduo deprimido e que compensa tal frustração com o consumo de móveis para seu apartamento. Não especificado quando, o personagem passa a sofrer de insônia, patologia que, após tentar curá-la com medicamentos, leva-o a frequentar passivamente grupos de autoajuda.

As crises de insônia acabam, até que a entrada de Marla em sua vida, mulher que também frequenta os grupos sem apresentar comorbidade alguma, instaura outro conflito interno no protagonista. Dessa vez, a solução aparece materializada em Tyler Durden, interpretado por Brad Pitt, que se torna o mentor do protagonista, apresentando a esse um modo de vida anti-consumista, misógino e destrutivo. O desenrolar das aventuras da dupla resultam na criação de um agrupamento de homens insatisfeitos com suas condições materiais, psicológicas e sociais que encontram no culto à violência uma válvula de escape para suas frustrações, o clube da luta.

O sucesso desse grupo é inacreditável aos olhos do protagonista. Homens de diferentes regiões, oriundos da classe média norte-americana, passam a se conhecer e participar do clube. A necessidade de muitos homens externalizarem suas frustrações, através da violência, e a figura carismática de Tyler mudam as proporções do grupo, tornando-o aos poucos em um verdadeiro movimento terrorista em prol de ideais de um modelo de masculinidade.

Os integrantes desse movimento passam a viver na casa do protagonista e de Tyler, na *Paper Street*, em condições análogas aos grupos de guerrilha, de onde surgem inclusive simbolismos e rituais militares. Essa convivência, ao mesmo tempo que era desejada por Tyler, torna-se incômoda para o protagonista, que algumas vezes por conta de um ciúmes não conscientemente compreensível por Tyler passa por repudiar a idolatria ao clube da luta.

As missões anárquico-terroristas designadas por Tyler são o estopim, principalmente pela morte de Bob que ocorre em uma delas, para que o Narrador abandone o grupo. Assim, ele segue em busca de Tyler para impedir o Projeto desordem e destruição – plano de destruir prédios que possuam dados de créditos bancários, a fim de reiniciar o sistema capitalista que vive nos Estados Unidos.

Nesse conflito final entre Tyler e o narrador torna-se evidente ao espectador que a dupla de personagens é, na verdade, uma única pessoa. Tyler e o protagonista são personalidades distintas de um mesmo sujeito, Tyler Durden. Ambos representam diferentes contradições e desenvolvimento da ideologia que o filme tenta abarcar, mas que muitas vezes parece um conflito, por revelar-se não linear ou racional.

Procedimentos de análise

A análise foi feita partindo da premissa de que o MGTOW, se entendido como um fenômeno de gênero, pode ser compreendido através de uma perspectiva histórica-arqueológica (FOUCAULT, 2004). Essa perspectiva permitiu localizar discursos que parecem coerentes para a delimitação, mesmo que inicial, do fenômeno, a partir da conjunção de diferentes meios: textos (livros, artigos), vídeos de *streaming* e um filme.

Essa divisão foi feita partindo do pressuposto foucaultiano de que o sujeito será constituído por diferentes discursos que agem produzindo identidades, ou seja, formas de subjetividade que coexistem e se sobrepõem num processo constante do sujeito de se refazer (GREGOLIN, 2004). Nesse sentido, o sujeito pode ser observado por discursos que, ao mesmo tempo que constroem ideologias diferentes, podem existir simultaneamente, corporificando e dando um sentido para suas ações.

Assim, arriscamos uma análise que se propõe construir as categorias proporcionadas pela análise de conteúdo, isto é, agrupamentos temáticos emergentes e mutuamente exclusivos (BARDIN, 2016), para pensar nas formas de identidade do sujeito, uma vez que se compreende uma aproximação teórica não somente entre a análise de conteúdo e a teoria foucaultiana, mas como também assinala Sebastião Josué Votre (2019), entre a análise de conteúdo e a análise de discurso foucaultiana.

Disso decorre um entendimento não essencialista, mas plural e contraditório do fenômeno destacado: a masculinidade MGTOW como expressão de gênero contemporânea e que apesar de atual pode ser compreendida também por referências que se deram em outras décadas.

Resultados e Discussão

Os resultados são apresentados por duas categorias que foram organizadas a partir da análise: *Discurso Consumista* e *Discurso da Masculinidade Supremacista*

A Categoria *Discurso Consumista*, foi elaborada a partir dos seguintes elementos simbólicos no filme: Há momentos em que Edward Norton (Narrador e protagonista da história) é colocado como dependente e cúmplice da ideologia de consumo; em outros, é Brad Pitt (Tyler Durden, personagem da história) que problematiza essa ideologia para Edward. Enquanto a categoria do Discurso da Masculinidade Supremacista que mostra a solução encontrada pelo Narrador para lidar com o esvaziamento de si o leva a um consumo desenfreado e ao adoecimento; ao mesmo tempo, permite a Tyler criar o *clube da luta* a ponto de se tornar uma forma de expressão de masculinidade, um fenômeno grupal e também de gênero.

A Categoria *Discurso da Masculinidade Supremacista* foi elaborada a partir dos seguintes elementos simbólicos no filme: Após o rompimento abrupto com a ideologia consumista, causado pela explosão no apartamento do protagonista, surge a necessidade de incorporação de um novo discurso para guiar a vida frustrante do personagem. Nesse sentido, Tyler, com seu discurso de uma masculinidade supremacista, aproveita-se da insatisfação pessoal do Narrador para direcioná-la contra as mulheres, contra o capital. Outros discursos da masculinidade aparecem, os quais foram prejudicados por uma maior presença feminina na sua criação: “*Somos uma geração de homens criados por mulheres. Fico imaginando se outra mulher é mesmo a resposta que precisamos*”. A violência e a destrutividade passam a guiar a vida da dupla e, posteriormente, dos homens que integram o Clube da luta. O objetivo deles é, através do conflito físico, recuperar uma forma de vida na qual os homens não eram docilizados, seja pelo consumo ou pelas mulheres. O resultado de tal discurso, antes visto apenas como uma forma de libertação do homem, demonstra sua verdadeira natureza destrutiva, chegando até a atentados terroristas.

Discurso Consumista

O Narrador começa o filme sem que seja possível identificá-lo por traços individuais, apesar de que seus pseudônimos vão sendo descobertos ao desenrolar da trama: Cornelius, Travis, Rupert, entre outros. Porém, a característica mais pessoal-humana que ele faz nesse momento inicial é se assumir enquanto um consumidor, que tem interesse em móveis e estilos de decoração. Esse interesse se manifesta

posteriormente como uma obsessão por comprar, pois é difícil até reconhecer se o Narrador tinha prazer na apreciação estética desses objetos.

Com isso, a questão estética aparece com um duplo papel de passivização: primeiro, por que ele só pode olhar para esses objetos e estilos; em segundo, não há para com quem compartilhá-los, pois o Narrador não possui amigos ou pessoas mais próximas, estando em jogo ter de comprar a cada vez algo novo para que ele não possa efetivamente usá-los.

Nesse ponto, a atitude de comprar deve ser ressaltada como uma contradição da atividade desempenhada pelo sujeito. No entanto, por conta da insatisfação provinda disso que leva a continuidade do consumo, o Narrador é levado a uma posição de fracasso, o que reforça sua infantilização e passividade. Essa situação se segue a tal ponto que ele começa a buscar uma solução médica para sua insônia, que reflete sua inferiorização e sentimento de fracasso.

A passividade que o Narrador vive parece funcionar dentro dessa lógica de consumismo, se não fosse pelo seu adoecimento. Aqui o consumismo revela-se como uma forma de repressão, mas acompanhando a lógica estruturada por Foucault (2014a) também aponta para a expressão positiva de uma subjetividade (FERRARI, 2009) que surge de forma intermediária pelo adoecimento. Com a fragilidade que vive neste momento, soma-se seu encontro com Marla, uma colega que conhece em grupos de autoajuda. Porém, ela traz à tona um desequilíbrio desse discurso de passividade e consumo na medida que representa para o Narrador tanto perigo como desejo.

O perigo representado por Marla trata de expor a verdade sobre a identidade que o Narrador esconde nos grupos de autoajuda. Ele começa a frequentar grupos de pessoas com condições terminais ou de grande sofrimento. Destaca-se o grupo *Remaining Men Together* (RMT), no qual surgem Bob, personagem marcado por mostrar compaixão como também afeto pelo Narrador e Marla pela primeira vez. O RMT é um grupo especial para o protagonista e o que mais teme perder caso Marla denuncie suas mentiras.

Entretanto, Marla também representa e desperta desejo e, nesse momento, toda forma de atividade parece colocar o protagonista de volta a uma crise: o trabalho, usar seus objetos de decoração e Marla. É justamente sobre esses aspectos - vida proletária, consumo e relacionamentos com mulheres - que será o mote das críticas que Tyler Durden fará sobre a sociedade para o protagonista em seus primeiros encontros.

O encontro do protagonista com Tyler Durden assinala uma mudança drástica na passividade apresentada pelo primeiro. Através de um discurso carismático e, em muitas vezes, eloquente, Tyler apresenta uma forma do protagonista se libertar das amarras que o prendiam ao trabalho desmotivador, ao consumo desenfreado de móveis e a crise existencial promovida por Marla.

A relação entre os dois é iniciada durante um voo, no qual o desprendimento material e a autoconfiança de Tyler promovem um verdadeiro desejo no protagonista de possuir essas características que para ele simboliza poder (FOUCAULT, 2014a), embora esses sejam o completo oposto de suas ações. Perceptivelmente, ocorre uma conexão entre os dois. Após a aterrissagem, o Narrador, ao chegar em seu prédio, depara-se com a destruição total de seus bens, ocasionada por uma explosão iniciada por vazamento de gás.

A crise instaurada pela perda de seu patrimônio o leva, estranhamente, a ligar para Tyler e pedir sua ajuda. Logo, eles se reúnem em um bar e o protagonista começa a expressar suas insatisfações, mas é interrompido pelas críticas de Tyler às estruturas da sociedade, ao consumismo e, principalmente, a "*geração de homens criada por mulheres*", sendo esses os homens passivos (DE LOS SANTOS RODRIGUEZ, 2020). Intriga o protagonista conhecer um discurso que aponta tudo o que o oprime como algo socialmente patológico, assim, suas frustrações deixam, em seu entendimento, de ser oriundas de suas próprias ações e sim dos grandes capitalistas, dos estereótipos de corpos sexualmente atraentes e das mulheres. O comportamento dos homens que passam a integrar a comunidade MGTOW assemelha-se a tal transposição de culpa. Torna-se mais fácil para esse grupo virtual acreditar que a natureza feminina e as instituições são corrompidas do que questionar a validade de seus próprios comportamentos e se não são esses os verdadeiros fatores impeditivos para a construção de uma masculinidade que convive harmonicamente com os outros, assim como apontam autores (HOMEM; CALLIGARIS, 2019; FERRARI, 2009).

Retomando o filme, a destrutividade passa a ser o norte desses dois homens e da sua duplicidade. Devido ao rompimento com o discurso capitalista e a promessa do combate aos estereótipos e a uma vida submissa, o protagonista e Tyler passam a afirmar sua masculinidade através da violência em brigas de rua, evidenciando a relação entre uma “cobrança” pela masculinidade hegemônica (HOMEM; CALLIGARIS, 2019) e o engajamento em situações de violência (CONNELL, 1995). Essa forma de expressar a revolta contra o sistema e buscar o reencontro com uma masculinidade

agressiva, vista como ideal pelos personagens, atrai outros homens e desse agrupamento de pessoas frustradas nasce o Clube da Luta. Edinilsa Ramos Souza (2005) alerta que os homens se envolvem em situações de violência sendo tanto vítimas como “agentes da violência estrutural, em termos de racismo, homofobia, idade, discriminação e opressão baseada em classe social a que eles estão submetidos” (p.67).

A reunião desses homens insatisfeitos eleva as críticas à sociedade capitalista, antes limitadas aos personagens centrais, a categoria de um discurso capaz de subjugar as desigualdades e outras patologias sociais. A agressão nas lutas não buscava inferiorizar oponentes, mas sim igualar as nuances sociais produzidas pelo capital e produzir homens ativos: "*Quem você é no clube da luta era diferente de quem você era no resto do mundo*".

O Clube da Luta muda a vida do protagonista. As preocupações com seu trabalho desaparecem, passando a ir machucado e a criar conflitos com seu chefe, evento que leva a sua demissão. A vontade de consumir desaparece. O incômodo causado pela presença de Marla diminui. Sua insônia acaba. O protagonista que antes era domesticado pelo sistema, através da masculinidade tóxica e da violência, assume o controle de sua vida.

Discurso da Masculinidade Supremacista

A solução que o Narrador encontra sobre a crise do Discurso Consumista vem após a explosão de seu apartamento em retomar o contato com Tyler. Com o incidente ele perde tudo, uma de suas memórias sobre essa perda retoma diretamente suas coleções decorativas. Em um primeiro momento ele liga para Marla, mas desiste, se corrige, e, então, liga para Tyler. O resultado dessa noite é a conversa derradeira que os unirá.

A partir disso, os diálogos que desenvolvem juntos os aproximam mais a cada encontro, que também se tornam mais frequentes até que o filme atinge um platô entre as duas personagens. Se o Narrador, em um primeiro momento, idealiza Tyler, é também por conta da identificação que se operou e a identidade que disso decorre de forma concreta na criação do Clube da Luta. Quem vê a trama, percebe como essa identificação guia as ações do protagonista sem que ele precise se comparar com Tyler, mas persiste na constante necessidade de que esse acompanhe seus caminhos, o guie para uma direção diferente da que vinha levando em sua vida pacífica e o tome como

portador de um saber que também busca alcançar. Nesse ponto, começa-se a delinear de forma mais preponderante tanto um discurso quanto uma identidade (FERRARI; ALMEIDA, 2012; FOUCAULT, 2014c) para o Narrador que virá substituir o Discurso Consumista e mesmo a identidade de doente; trata-se de uma identidade que produz uma nova subjetividade, baseada em um discurso da masculinidade supremacista.

Em muitas cenas, Tyler causa dor ao protagonista ou o põe em situações limites. Isso pode ser interpretado como uma metáfora da forma como essa masculinidade se impõe: toda e sem limites; que no filme se tornará um modelo das relações que os homens estabelecem entre si. Esse tipo de intransigência e violência intersubjetiva será aos poucos naturalizada pela narrativa do filme, na medida em que para além das relações diretas entre Narrador e Tyler Durden, esses construíram não apenas o Clube da Luta, mas a sua sede na *street Paper* e o projeto desordem e destruição. O movimento terrorista derivado disso ocupa já um outro lugar, de estranhamento e diferenciação, mas se assim se comprova o argumento da construção de uma identidade, que em um primeiro momento, consciente e inconscientemente em outra medida, o Narrador adere. Diferentemente dessas relações entre homens, as relações com a única mulher representativa na trama (Marla) possui todo o comedimento e crítica por parte dos personagens.

De fato, a masculinidade circunstanciada pelo filme remonta a uma relação que impõe ao feminino, ou tudo aquilo que representa a mulher na sociedade, um lugar de inferioridade (DE LAZARI, 1991). No filme, essa inferiorização colocada sobre Marla leva a pensar que seria melhor que ela não estivesse lá, ou nem existisse no mundo do Narrador, pois só possui um papel de desestabilização e crise das relações estabelecidas. E, nesse sentido, o uso feito de seu corpo e os sentimentos individuais de Marla não entram nas preocupações sociais que contam para os personagens.

Ainda em seu escritório de trabalho, o Narrador escreve uma música que merece especial destaque para pensar a questão da misoginia, dentro desse discurso sobre masculinidade. Sua letra diz: “*Worker bees can live/ even drones can fly away/ the queen is their slave*”. A música alude à ideia de abelhas e trabalhadores, que permite pensar nos proletários e suas lutas por direitos; ao mesmo tempo, compara os trabalhadores com máquinas, pois ambos podem voar e o desenvolvimento tecnológico que existe faz pensar em uma crise, de onde esses trabalhadores podem ser substituídos por *drones*, que são máquinas; por fim, o verso diz que a rainha é a escrava, ideia que

inferioriza a mulher diante dos trabalhadores, mas também a coloca como diferentes dos iguais (homens-abelhas que são trabalhadores).

Isso se aproxima da ideia proposta pelos MGTOWS de inferiorizar a figura feminina, em prol da sua reafirmação de identidade grupal. A mulher, na perspectiva machista virtual, assume um papel social passivo e de poder (FOUCAULT, 2014a) sobre a indústria cultural, o qual, assim como a abelha rainha, não apresenta uma função para além do consumo dos recursos produzidos pelas abelhas operárias e da reprodução. Nesse sentido, os MGTOWS acreditam, tal qual o Narrador e Tyler, que os homens devam se unir e mudar sua conduta, expondo que, apesar das idealizações da mulher, a figura masculina é o lugar autêntico de poder.

A partir dessa música, que surge no momento em que o Narrador encontra-se obcecado com as vivências que passa no Clube da Luta, também pode-se destacar a relação da misoginia com o patriarcado. Como o patriarcado corresponde a materialização da opressão das mulheres, por meio de uma sociedade construída de forma hierárquica tal que desapropria as mulheres de poderem ser detentoras de todo tipo de capital e meios de reprodução da força de trabalho. Assim, a exploração das mulheres orientadas pelo patriarcado (SAFFIOTI, 2004) determinam o discurso de masculinidade que se fará presente nesse momento do filme.

Essa música está atrelada também à construção do Clube da Luta, sobretudo como um movimento e grupo. Aspecto que remonta os processos de construção de subjetividade que vividos no filme, uma vez que eles desencadeiam uma forma particular de expressão do gênero masculino dentro de uma normatividade, que essa análise busca extrair (DE LOS SANTOS RODRIGUEZ, 2020). Portanto, ressalta o argumento de que gênero e sociabilidade estão diretamente ligados, o que é observado pelas mudanças comportamentais (passividade para atividade) do protagonista como uma resposta a sua interação com Tyler. Mas que também reforça e se mantém pelo símbolo que assume para os outros membros do Clube da Luta à medida que seus corpos se tornam emblemas de lutas pelas feridas que carregam (FERRARI; ALMEIDA, 2012).

Nesse sentido, a luta representa não somente um ideal da capacidade e sociabilidade masculina, mas também como um fator diferenciador daqueles que pertencem e não pertencem a essa espécie de grupalidade, identidade e mesmo masculinidade. O que se observa no decorrer da formação do Clube da Luta como um clube e posteriormente como um movimento político-terrorista.

Considerações Finais

A partir da análise histórica e dos discursos aqui apresentados, é possível identificar os elementos fundantes da expressão de um padrão de gênero dentro do que é compreendido enquanto masculinidade. Tanto o filme *Clube da Luta* como as expressões masculinas do movimento MGTOW difundidas em veículos midiáticos, principalmente a internet com suas plataformas de vídeo, proporcionam a visualização de um estágio crítico da masculinidade que pode ser interpretado inclusive como uma resistência à expressão da diversidade de gêneros na atualidade, bem como uma reação ao avanço de medidas e representações estético-políticas pelos grupos feministas.

Apesar disso, parece ser coerente a tese defendida por Lin (2017), que pode ser por ela resumida tanto sobre esse movimento, como sobre outras expressões de masculinidades já atreladas ao poder repressor:

MGTOW é principalmente uma reação masculinista ao feminismo que encontra suas conclusões no antifeminismo, radicalismo e anarquismo. A internet fornece ao MGTOW um espaço anônimo e homosocial, onde os homens podem ressuscitar noções perdidas de masculinidade. Uma linguagem antifeminista particular, emergindo de uma retórica de libertação masculina anterior, entrou nos tribunais. Embora a teoria do papel sexual não seja nova, sua linguagem ainda pode ser recorrente na política e no discurso de gênero.¹¹ (p. 93, tradução livre).

Nota-se, assim, muitas aproximações entre as representações de masculinidade presentes no filme de 1999 e a proposta mais recente de movimento grupal masculino, que ainda não foi amplamente estudado enquanto fenômeno social. Destaca-se o posicionamento diante das representações relacionadas ao feminino, que são colocadas de modo inferiorizante e objetificador, e também uma postura conservadora diante das atuais pautas identitárias feministas e de gênero.

Desse modo, a criação de grupos, no meio informacional, com o intuito de produzir um discurso afirmativo e performativo de sexualidades, identidades e gêneros se tornou um lugar comum no cotidiano global, que no caso dos MGTOWS (BATES, 2021) parecem funcionar contra a corrente das mudanças sociais de gênero que vêm

¹¹ No original: MGTOW is primarily a masculinist reaction to feminism that finds its conclusions in antifeminism, radicalism and anarchism. The internet provides MGTOW an anonymous, homosocial-type space, where men can resurrect lost notions of masculinity. A particular antifeminist language, emerging from an earlier men’s liberation rhetoric, has entered into the courtrooms. Although sex role theory is not new, its language may still be recurrent in gender politics and discourse.

ocorrendo nos últimos tempos, embora, pareça reafirmar também a importância da sexualidade seja ela hegemônica ou não para pensar na construção discursiva de gêneros (LIN, 2017).

Portanto, tanto a heterossexualidade como norma, como o discurso consumista podem ser observados na expressão atual da identidade de gênero masculina. Essa constatação mostrou-se relevante não apenas para pensar socialmente um fenômeno emergente, mas também para embasar discussões importantes na formação e na promoção de um novo e cidadão projeto escolar (FERRARI; CASTRO, 2014; ESTRATEGIAODS, 2020).

No que se refere às questões metodológicas, reitera-se a importância do uso de instrumentos midiáticos como uma boa forma de coleta e análise de dados que possam elucidar fenômenos sociais relevantes, bem como sua utilização inclusive como recursos pedagógicos em propostas educativas junto a grupos que queiram discutir, por exemplo, questões de gênero, masculinidades, violência, consumismo, etc.

Novos estudos, diversificando a temática, os recursos utilizados ou formas de análise podem aprofundar melhor esta problemática para o campo da diversidade e sexualidade.

Referências

ADORNO, Theodor.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ALPHASPIRIT. Os 3 melhores benefícios do nofap (primeiros 30 dias). *Youtube*, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pGWnG3h2zIQ>. Acesso em: 10 de maio de 2021.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARRETO, Raquel Goulart. Análise de discurso: conversa com Edni Orlandi. In: *Teias*, Rio de Janeiro, ano 7, n .13-14, jan.-dez. 2006.

BATES, Laura. Men going their own way: the rise of a toxic male separatist movement. In: *The Guardian*, 2020 Disponível em: <https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2020/aug/26/men-going-their-own-way-the-toxic-male-separatist-movement-that-is-now-mainstream>. Acesso em: 10 de maio de 2021.

BRASIL, CRISTINA ÍNDIO. Sobe para 82,7% percentual de domicílios com internet, diz IBGE: de 2018 para 2019, alta foi de 3,6 pontos percentuais. In. *Agência Brasil*.

Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-04/sobe-para-827-percentual-de-domicilios-com-internet-diz-ibge>. Acesso em: 10 de maio de 2021.

BRASIL. Ministério Da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização Diversidade e Inclusão; Diretoria de Políticas de Educação em Direitos Humanos e Cidadania; Coordenação Geral de Direitos Humanos. *Nota Técnica nº 24/2015/MEC*. Disponível em: <<http://www.spm.gov.br/assuntos/conselho/nota-tecnica-no-24-conceito-genero-no-pne-mec.pdf>>. Acesso em: 07 set. 2020.

CONNELL, R. Políticas da masculinidade. *Educação & Realidade*, v. 20, n. 2, jul/dez, 1995.

DE LOS SANTOS RODRIGUEZ, Shay. Um breve ensaio sobre a masculinidade hegemônica. In: *Revista Diversidade e Educação*, v.7, n. 2, p. 276-291, Jul/Dez 2019.

DE LAZARI, Joana Sueli. Inferioridade Feminina: o (des)enredo da violência. *Revista de Ciências Humanas*, v. 7, n. 10, p. 72-88, 1991.

ESTRATEGIAODS. Disponível em: <https://estrategiaods.org.br/o-que-sao-os-ods/historia/>. Acesso em: 10 de maio 2021.

FERRARI, Anderson.; ALMEIDA, Marcos Adriano de. Corpo, gênero e sexualidade nos registros de indisciplina. In: *Educação Real*, Porto Alegre, v. 37, n. 3, p.865-885, set./dez. 2012.

FERRARI, Anderson. *Ma vie en rose*: gênero e sexualidades por enquadramento e resistências. In: *Educação em foco*, Juiz de Fora, v. 14, n. 1, p. 117-141, mar/ago 2009.

FERRARI, Anderson. CASTRO, Roney Polato de. Pensando a diversidade sexual nas escolas. In: *Diversidade e Educação*, v. 2, n. 4, p. 20-26, jul./dez. 2014.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade*: a vontade de saber. São Paulo: Paz & Terra, 2014a.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade*: busca por prazeres. São Paulo: Paz & Terra, 2014b.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade*: cuidado de si. São Paulo: Paz & Terra, 2014c.

FOUCAULT, Michel. Uma entrevista com Michel Foucault, *in. verve*, 5: 240-259. Tradutor: Wanderson Flor do Nascimento, 2004.

GREGOLIN, Maria do Rosário. *Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso - diálogos e duelos*. São Carlos: Claraluz, 2004

HOMEM, Maria.; CALLIGARIS, Contardo. *Coisa de menina?: Uma conversa sobre gênero, sexualidade, maternidade e feminismo*. Campinas: Papyrus, 2019.

JESUS, Diego Santos Vieira de. Bravos novos mundos: uma leitura pós-colonialista sobre masculinidades ocidentais. In: *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 19, n.1, Jan./Abr. 2011.

LIN, Jie Liang. Antifeminism Online: MGTOW (Men Going Their Own Way). In: *Digital Environments. Ethnographic Perspectives across Global Online and Offline Spaces*. Bielefeld: transcript Verlag, 77-96, 2017. Disponível em: <https://www.genderopen.de/handle/25595/509>. Acesso em: 10 de maio e 2021.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 11ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MGTOW. Disponível em: <https://www.mgtow.com>. Acesso em: 10 de maio de 2021.

NO FAP. Disponível em: <https://nofap.com/about/>. Acesso em: 10 de maio de 2021.

OLIVEIRA, Caíque Diogo. O declínio do homem provedor chefe de família: entre privilégios e ressentimentos. In: *Crítica Histórica*. Ano XI, n. 22, Dez. 2020.

OLIVEIRA, Danilo Araújo de.; FERRARI, Anderson. Interseccionalidade, Gênero Sexualidade e Raça: os desafios e as potencialidades na invenção de outros currículos. In: *Diversidade e Educação*, v. 6, n. 1, Jan.-Jun., p.21-29, 2018.

PASTANA, Marcela; BORTOLOZZI, Ana Cláudia. Intersecções de gênero na adolescência. In: BORTOLOZZI, A.C. (Org.) *Educação Sexual com e para adolescentes: aspectos teóricos e práticos*. [Livro eletrônico]. Araraquara, SP: Padu Aragon, 2020. p. 41-63

REVEL, Judith. *Dicionário Foucault*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

REDDIT. *Homepage*. Disponível em: <https://www.redditinc.com/>. Acesso em: 17 de junho de 2021.

ROTTEN TOMATOES, *Fight Club*, [s.d.]. Disponível em: https://www.rottentomatoes.com/m/fight_club. Acesso em: 10 de maio de 2021.

SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, Violência e Patriarcado*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

SAMPIERI, Roberto Hernandez.; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, María del Pilar Baptista. *Metodologia de Pesquisa*. Trad. Fátima Conceição Murad, Melissa Kassner, Sheila Clara Dystyler Ladeira. 3ª ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995, p.1-19.

Sem autor: *Minha experiência com NOFAP*. REDDIT, 2021. Disponível em: https://www.reddit.com/r/desabafos/comments/ltrd8u/minha_experi%C3%Aancia_com_nofap/. Acesso em: 10 de maio de 2021.

SPATA, Andrea. *Métodos de pesquisa: ciências do comportamento e diversidade humana*. Rio de Janeiro: LTC, 2005.

SOCIAL ARTS. TIOZÃO – Live Do Homem De Alto Valor 69. *Youtube*, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=trMkZ6pfAP4&t=3765s>. Acesso em: 10 de maio de 2021.

SOCIAL ARTS. Toda Mulher é Hipergâmica. *Youtube*, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=E2q4zBJS_3M. Acesso em: 10 de maio de 2021.

SOUZA, Edinilsa Ramos. Masculinidade e violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde. In: *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 10, n. 1, p. 59-70, 2005.

SOUZA, Matheus. Pandemia coloca privacidade e direitos digitais em xeque. In: *Jornal da USP*, 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=314963>. Acesso em: 10 e maio de 2021.

TOMASSI, Rollo. *The Rational Male*. Scotts Valley: Createspace, 2013.

VALENTE, Jonas. Brasil tem 134 milhões de usuários de internet, aponta pesquisa: a maioria acessa a internet pelo celular. In: *Agência Brasil*, 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-05/brasil-tem-134-milhoes-de-usuarios-de-internet-aponta-pesquisa>. Acesso em 10 de maio e 2021.

VEYNE, Paul. *Foucault, o pensamento, a pessoa*. Lisboa: Pilares, 2009.

VOTRE, Sebastião Josué. *Análise do Discurso*, São Paulo: Parábola, 2019.

Recebido em maio de 2021.

Aprovado em junho de 2021.